

João Tordo  
O BOM INVERNO

Romance



## I

Pusemos o homem dentro do cesto do balão e deixámo-lo desaparecer no céu pálido do Lácio. Foi um momento dramático e, se não houvéssimos caído naquele torpor pesado e ruminante que de nós se apoderou, alguém teria erguido um braço para, por entre lágrimas ou sorrisos, acenar um último adeus a Don Metzger. Foram precisos oito braços para transportar o corpo do carro até à gôndola de verga, junto da qual o sinistro Bosco havia, com a ajuda do fiel Alipio, insuflado de ar frio o envelope de *nylon* preto, a grande ventoinha ensurdecendo aquele dia tão fúnebre. Acomodámos Don dentro da gôndola o melhor que pudemos – tanto quanto era possível acomodar um gigante – e depois, com um gesto de amor que chegou a parecer cruel, Bosco abriu a válvula de propano e acendeu o maçarico, as chamas incendiaram o ar e ergueram a gôndola do chão como se a carregassem na palma de uma mão invisível. Era ainda cedo naquela manhã e Don já partia em direcção ao infinito, onde conjuntos de nuvens em vários tons de cinzento, banhadas por um sol melancólico, avançavam lentamente em direcção à montanha, sobrevoando-a como anjos coléricos que trouxessem o prenúncio de tempos terríveis.

Nenhum de nós se moveu enquanto o balão negro se fez aos céus, mesmo quando este era já uma miniatura recortada contra a vastidão nebulosa. Num círculo desfeito, na clareira do bosque, observámos a última ascensão de Don, sabendo que éramos nós que ficávamos sozinhos no mundo, e não ele. Talvez nos tivesse faltado a coragem; talvez, naquele momento, adivinhássemos já que nada saberíamos fazer sem Don e ficaríamos para sempre sujeitos ao jugo da sua ausência. Foi assim que o Bom Inverno começou. Foi em Sabaudia, foi há uns meses (embora me pareça ter sido há muito mais tempo), foi por acaso e, ainda assim, sempre que penso nas coisas que me aconteceram, coloco a possibilidade de não ter existido qualquer acaso e de tudo poder ser explicado para depois, com um sorriso e um abanar frouxo da cabeça, dizer a mim próprio que é escusado estar a adiantar-me porque o melhor é começar pelo princípio.

Existem, na verdade, razões para explicar como as coisas aconteceram e, se existem razões, é possível ordená-las numa cronologia. Porém, tal como no funcionamento do universo, o todo raramente corresponde à soma das partes. Mas posso certamente explicar as partes ou, pelo menos, procurar fazê-lo: como fui parar a Itália quando o meu destino era regressar a Lisboa vindo da Hungria; como passei aquele tempo na companhia de desconhecidos que se tornaram meus semelhantes e, mais tarde, meus inimigos; como Don Metzger acabou enfiado na gôndola de um balão depois de morto; como esse balão, imitando a última vontade de um pássaro ferido, percorreu mais de cem quilómetros nas correntes de ar e se despenhou ao largo da ilha de Ponza. Passo a passo, é possível contar a história, embora seja impossível, no final, compreendê-la. Eu não a compreendo e os meus companheiros de infortúnio não a compreendem – ou porque estão mortos, ou porque deixaram de existir para mim, o que,

em última análise, vai dar ao mesmo. Existem sempre razões; mas, como todos sabemos, as razões nunca serão suficientes. No entanto, e porque qualquer história terá de as apresentar a certa altura para se validar a si mesma, vou começar precisamente por elas.

## II

A primeira vez que ouvi falar de Don Metzger – um homem tão intenso e fugaz como um cometa – foi num restaurante em Budapeste na última Primavera. Por essa altura eu já vivia do subsídio de desemprego havia seis meses e a Hungria era o último lugar do mundo onde imaginava poder vir a encontrar-me. Fui lá parar como podia ter ido parar a qualquer outro lado e, a contragosto, acabei por travar conhecimento com Vincenzo Gentile. Foi Vincenzo quem me falou de Don e foi por causa de Vincenzo que acabei por passar uns tempos em Sabaudia, uma cidade de província na costa italiana de que nunca ouvira falar e que não figura nos roteiros habituais dos turistas, ou sequer nos roteiros habituais dos turistas italianos. Mas não foi certamente por causa dele que deixei de trabalhar, nem foi por sua causa que fiquei coxo; seria injusto atribuir-lhe responsabilidade por todos os erros (incluindo os meus) e, assim, é inevitável dizer que, se é verdade que o italiano me abriu as portas do Inferno, também é verdade que era para lá que a minha vida rumava havia bastante tempo.

Para ser sincero, não era grande vida. Que coisa pode ser mais ridícula do que um escritor que não acredita na literatura, embora julgue, paradoxalmente, que esta acabará por o vingar? Pois bem, era o meu caso. Havia muito tempo, aliás, que deixara de acreditar; havia muito tempo, também, que fingia que isto não era verdade; e, por isso, procrastinava, adiando todas as decisões

e vivendo sem qualquer convicção de que a vida fosse um acontecimento digno de referência porque, mais cedo ou mais tarde, uma obra magistral acabaria por me fazer justiça. Portanto, eu era escritor e, embora não acreditasse na literatura – ou precisamente por causa disso, porque algumas pessoas teimam em bater com a cabeça nas paredes –, remetia todas as esperanças de futuro numa carreira literária que se recusava a sair do lugar, tratando a vida como um caixote do lixo por não saber o que fazer com ela.

A verdade não é tão linear. A verdade é que, após vários anos a vaguear pelos arredores da literatura, não é impreciso dizer que me encontrava gasto. Sem me ter dado conta, batera a todas as portas e tornara-me um assaltante profissional, intrometendo-me em todos os meios e apresentando-me a todos os trabalhos com idêntica disponibilidade: durante esses anos fui jornalista, revisor, tradutor, criativo numa agência de publicidade, escrevi prefácios e posfácios de livros, discursos de políticos de segunda e, numa altura mais complicada, criei menus de degustação para restaurantes e letras de canções para um cançonetista popular que plagiava os mexicanos. À parte, ia mantendo uma carreira literária e, no Outono de há dois anos, publiquei o meu terceiro romance sem fazer ideia nenhuma de que, com esse livro, acabara de fechar um ciclo – como se o livro fosse a premonição de alguma coisa monstruosa ou dos tempos que estavam para vir. Esse romance era, tal como os dois primeiros, de um gritante pessimismo, tão gratuito que muitos leitores o abandonavam ao fim de umas quantas páginas, alegando que a realidade já era suficientemente macabra – no meu primeiro livro, por exemplo, um homem cuja família morria num incêndio fechava-se num apartamento londrino e começava a coabitar com fantasmas, falando sozinho e perseguindo vultos de cuja existência duvidava; no final, acabava por duvidar da própria existência, e assim por diante, num exercício sádico de dúvida metódica.

Enfim, os horrores sucediam-se. Não obstante, os livros foram sendo publicados, foram razoavelmente ignorados e, depois, como uma onda que regressa cheia de detritos e algas peçonhentas, as portas em meu redor foram-se fechando com estrondo. Ignorando os melhores conselhos da família e dos amigos, e sem saber ainda que era preciso ter cuidado com o que oferecíamos ao mundo – pois a miséria e a solidão ficcionadas podiam tornar-se reais –, acabei por ser despedido de um emprego estável como guionista numa pequena produtora de televisão, em Setembro do ano passado, por me incompatibilizar com os colegas, com o meu chefe e até com as senhoras da limpeza que amiúde esbarravam comigo a dormir nas casas de banho a meio do expediente. Evidentemente, forcei o despedimento com atitudes insubordinadas que é escusado descrever aqui e, dois anos após a publicação do terceiro romance – que, como os anteriores, morrera na praia –, decidi caminhar voluntariamente para o meu cadafalso, convencido, na altura, de que era a atitude de um herói. Não sei dizer exactamente porque o fiz. Talvez porque a literatura, coisa extraordinária e impossível de explicar (e justamente por isso alvo de constantes e frustradas tentativas), fora uma jovem ambição que cedo se transformara numa fonte de mal-entendidos. Fosse porque não acreditava em mim próprio, fosse precisamente pela razão contrária – porque, no fundo, me julgava capaz de coisas extraordinárias –, tomei a decisão de, após muito tempo a fazer aquilo a que normalmente chamamos «ganhar a vida», renunciar a essa flagrante perda de tempo e fechar-me em casa a escrever a obra com que, finalmente, me vingaria do mundo.

Como quase sempre acontece a quem toma este género de decisões, escrevi muito pouco mas bebi imenso enquanto falava de páginas que só existiam na minha imaginação. O subsídio de desemprego, aliado a algumas economias, permitia-me essa veleidade e tinha alguns amigos que não se importavam

de me acompanhar. De maneira que entrei numa espécie de marasmo criativo e sentimental, convencido de que não era um marasmo mas um sortilégio, uma coisa inevitável e não passível de ser justificada racionalmente, demasiado obscura para ser compreendida – um encantamento ou uma peste, dependendo do ponto de vista. Este marasmo, julgava eu, faria parte do processo de criação dessa tal obra-prima; era a sina de um tipo que finalmente começava a tornar-se um verdadeiro escritor, aquela película finíssima de paralisante pessimismo que nos ia separando da realidade e, a cada hora que passava, se tornava imperceptivelmente mais espessa, até que um dia nada nos podia tocar mas também nada nos podia salvar, de tal modo nos encontrávamos isolados de tudo. Mas a verdade é que, escrevendo ou não, eu sempre fora um pessimista. Conduzindo um carro por uma estrada a alguma velocidade, por exemplo, dificilmente não me punha a pensar no que aconteceria se, num desvio subtil do volante, passasse para a faixa contrária e embatesse de frente contra outro carro; segurando um bebé ao colo, imaginava com um pânico surdo o que seria de mim se o deixasse cair de uma varanda; enfim, este género de aberrações. Mesmo imaginada, uma dor continua a ser uma dor; está lá quando nos deitamos à noite, está lá antes do pequeno-almoço. Assim, com tempo nas mãos, munido destas ideias absurdas, e com uma secreta descrença na literatura, continuei a procrastinar, a adiar e a beber, arranjando toda a espécie de justificações para evitar a incómoda tarefa de, finalmente, me sentar e começar a escrever.

### III

A história que tenho para contar começa pouco depois, numa manhã de Dezembro, faz agora precisamente um ano, em que

um pequeno acontecimento precipitou todos os outros e não tardou a alterar tudo. Foi uma manhã em que acordei de resaca e caí das escadas do meu prédio quando saía para ir tomar o pequeno-almoço. Tenho uma recordação invulgarmente lúcida desse instante: lavei os dentes, dei um gole num café insípido do dia anterior, pensei no jogo de futebol que me esquecera de ver, abri a porta de casa, saí para o patamar e, quando cheguei às escadas, perdi os sentidos e caí. Quando recuperei a consciência, dei conta de duas coisas: uma, que tinha uma dor lancinante na perna direita; outra, que tinha também batido com a boca no chão e que, para além de ter aberto o lábio, lascara um dente. Peguei no fragmento do dente, colocando-o entre o polegar e o indicador da mão direita, e tive a certeza, nesse preciso momento – como tantas vezes antes, com um baque surdo do coração –, de que havia qualquer coisa profundamente errada comigo.

Com a ajuda de um vizinho, fui para o hospital, onde me informaram, depois dos exames, que tinha fracturado a tibia. Com a perna engessada, regressei a casa alguns dias depois acompanhado de uma paciente rapariga chamada Magda, com quem andava a sair nessa altura, que deixou o trabalho a meio da tarde para me ir buscar (Magda trabalhava num banco, lia obsessivamente os livros de Milan Kundera e, por alguma razão insondável, gostava de mim). Passei o Janeiro inteiro em casa, a ver televisão e a comer a sopa e as refeições ligeiras que Magda me trazia diariamente. Além disso, fazia-me café, mudava-me os lençóis e lavava-me a roupa, enquanto eu me passeava de um lado para o outro num par de muletas, atirando coisas ao chão e queixando-me de como a minha sorte estava a impedir o progresso de um genial romance que, na verdade, nunca chegara a começar. Magda foi perdendo a paciência até que, na tarde em que fui tirar o gesso, a perdeu de vez. Embora eu continuasse coxo, insisti em que fôssemos a um bar junto do rio onde bebi demasiado em pouco tempo. Depois disse-lhe:



«Estou farto de tudo, sabes? A vida nem é propriamente um sonho, é mais uma insónia interminável num quarto cheio de melgas.»

Estávamos sentados a uma mesa da esplanada. Ela levantou-se e colocou a carteira ao ombro. Não estava pelos ajustes.

«Vai-te lixar, tu mais a metafísica», disse, e deixou-me sozinho debaixo de uma chuva inesperada e breve que me encharcou o cabelo e as roupas. Fiquei ali sentado durante uma hora depois do dilúvio – ou talvez mais do que uma hora, não me recordo –, sentindo pena de mim próprio. Depois um empregado veio dizer-me que estavam a fechar, paguei a conta e coxeei pelas ruas à procura de um táxi.

A seguir a esse episódio as coisas pioraram. Tal como acontecia às personagens dos meus livros, as sombras apertaram-se sobre a minha existência e, sem que eu pudesse lutar contra isso, tornei-me cativo de uma prisão que eu próprio inventei. Fechado em casa, sozinho e coxo, deixei-me levar por uma vaga de tristeza que parecia não ter fim. Ou talvez minta, e a vaga não fosse de tristeza, mas de indiferença, aquela espécie de cansaço resignado que provoca nos homens sonolência a horas bizarras e estômagos sensíveis. Vagueei, titubeante, pelos dois quartos e pela pequena sala do meu apartamento como um velho vagueia por um asilo, sem propósito nem razão. Ocasionalmente vi televisão. Uma noite, por mero acaso, sentado no sofá a olhar para as imagens, assisti a um programa americano sobre um médico que coxeava e usava uma bengala. Vi um episódio, depois vi outro, e acabei por ficar viciado; durante os meses que se seguiram, assisti a todos os episódios que eram exibidos. Nos pequenos momentos de lucidez telefonei a alguns amigos, todos eles demasiado ocupados com as suas famílias e os seus empregos e a vida de todos os dias e sem tempo para os meus queixumes; em momentos

de insanidade, provocados pela solidão, tive discussões acesas com um vizinho cujos cães invadiam o meu pátio ao entardecer e lá deixavam as suas fezes. O vizinho recomendava-me alternadamente, em voz alta, que fosse trabalhar ou que procurasse um médico. Escolhi a segunda alternativa.

Fosse culpa do programa de televisão ou do meu precário estado sentimental, a verdade é que a perna não dava sinais de recuperação. O médico garantiu-me que era uma coisa passageira e depois pediu-me que fizesse uma série de exames, o que me convenceu de que havia realmente alguma coisa errada e de que me mentira. Na semana seguinte fiz as radiografias num hospital público. Os resultados não revelaram qualquer problema, mas eu estava seguro de que havia uma conspiração biológica em gestação porque as dores na perna se recusavam a deixar-me. Procurei uma segunda opinião. Depois de novos exames e inúmeras consultas, o meu diagnóstico era incerto. Segundo alguns médicos, sofria de hipocondria; segundo outros, de um estado de saúde débil sem causa aparente. Acabei por regressar ao médico inicial, que começou a receitar-me ansiolíticos.

Quando, finalmente, aceitei aquele cruel destino – de que iria coxear para o resto dos meus dias – fui a uma loja na Baixa e comprei uma bengala *Rosewood* em mogno castanho, com castão também em madeira. Comecei a usá-la dentro e fora de casa, dando longos passeios ao entardecer pelo parque próximo do meu apartamento, que era habitado por velhos e pombos igualmente decadentes. Quando, em Março, entrei no consultório do médico para lhe mostrar o resultado dos exames mais recentes, de bengala em punho, o homem arregalou os olhos. Depois olhou demoradamente para os envelopes que eu trazia, abriu-os, consultou a papelada com o ar enigmático dos médicos, murmurou alguma coisa imperceptível e finalmente perguntou-me por que razão andava eu de bengala. Expliquei-lhe

que continuava com dores e que era penoso arrastar a perna de um lado para o outro sem apoio. O homem limitou-se a olhar uma última vez para os exames e repetiu que não havia qualquer razão plausível para o meu estado.

«Livre-se da bengala», disse, em tom paternalista. «Não lembra ao diabo um homem de trinta e tal anos andar por aí como se fosse um velho.»

«O médico da televisão tem uma», argumentei.

«E também tem fama, dinheiro e idade para ser seu pai.»

Depois falou em distúrbios psicossomáticos e escreveu o número de um psiquiatra numa folha de receitas. Saí do consultório sem dizer mais nada, apoiado, passo a passo, na bengala, e à saída do hospital atirei a folha para o lixo.

Se antes eu era um pessimista, depois de comprar a bengala passei a ser um cínico. Um homem novo com uma bengala podia dar-se ao luxo de desprezar o mundo e, assim sendo, eu tencionava aproveitar a oportunidade para ajustar contas com a realidade. Havia alguma coisa naquele objecto – e na dor constante que sentia na perna, e na firme crença de que, dentro de mim, algo apodrecia – que transformava todo o cepticismo da minha juventude no mais puro fel. Não conseguia andar sem coxear e, no entanto, todos me observavam com o mesmo olhar incrédulo do médico, como se eu fosse maluco e imitasse um inválido por puro prazer. O médico tivera razão numa coisa: um homem de trinta e tal anos com uma bengala não lembra ao diabo; era preciso mais atrevimento para que o diabo se lembrasse de nós.

Uma noite entrei no meu prédio e encontrei Magda sentada nas escadas do átrio. Por um momento imaginei uma dramática reconciliação, mas depois ela explicou que vinha buscar umas coisas que deixara lá em casa.

«Podias ter telefonado antes», disse-lhe, coxeando na direcção do elevador, apoiando-me na bengala com a mão direita.

«Eu tentei telefonar imensas vezes, mas tu nunca atendes», respondeu ela. «O que é isso?» Apontava para a bengala.

«Estou doente», disse-lhe.

«Estás doente? Estás doente de quê?», perguntou com algum desprezo enquanto atravessávamos as portas enferrujadas do elevador.

«Diagnóstico incerto», respondi. «Embora esteja razoavelmente seguro de que é cancro dos ossos.»

Magda revirou os olhos, o que me deu vontade de a esbofetear. Depois olhei para o seu rosto simétrico – de olhos castanhos muito claros, o cabelo alourado – e para as suas mãos longas de dedos finos cujos ossos sobressaíam, como se o esqueleto tivesse ganas de se mostrar. Fitei demoradamente os seus seios pequenos mas perfeitos.

«O cancro não te tirou a vontade», disse ela, saindo do elevador para o patamar. Percorremos o corredor escuro em silêncio. Lá fora, o som de uma ambulância denunciava a cidade. Cinco minutos passados, Magda saía com um caixote de livros, discos e alguma roupa que deixara espalhada pelo apartamento e que eu não me preocupara em arrumar.

«Toma conta de ti», disse-me.

Apoiei o corpo todo na bengala, segurando o cabo com as duas mãos.

«Vou fazer os possíveis.»

Magda afastava-se.

«Finalmente li o teu último livro», disse ela, antes de entrar no elevador.

Senti um espasmo de ansiedade.

«Ah sim? O que é que achaste?», perguntei, tentando fingir indiferença.